

WORKSHOP TEÓRICO E PRÁTICO DE CULTURA BRASILEIRA:

CANDOMBLÉ E UMBANDA: ASPÉCTOS SOCIOLÓGICOS, CULTURAIS E ESTÉTICOS DAS RELIGIOES AFRO-BRASILEIRAS

POR MARCELO MENDES E ELIZABETH FIRMINO PEREIRA¹.

1- Resumo

O Workshop irá abordar o estudo dos elementos sociológicos e culturais das religiões afro-brasileiras, especificamente o Candomblé e a Umbanda. Serão expostos os contextos históricos da formação dessas duas religiões no Brasil e seu desenvolvimento nos dias atuais. Dentro da análise cultural, serão estudados os elementos estéticos dos rituais afro-brasileiros, em seu sentido visual, sonoro e seu caráter festivo.

O workshop será apresentado em dois dias, em aulas de 3 horas (três) cada dia, com uma duração total de 6 (seis) horas. Terá um caráter teórico e prático, incluindo a demonstração de Dança do Orixá Oyá e uma aula de Dança de Orixás, em que os alunos poderão aprender alguns movimentos de danças de distintos Orixás.

2- Justificativa

Os rituais afro-brasileiros correspondem a um rico sistema de resistência cultural, que tem na atualidade um amplo desdobramento nas artes e na identidade brasileira. Entretanto, mesmo tendo uma difusão tão ampla, são poucos os estudos que abordam os aspectos culturais e estéticos, sem dúvida, de grande relevância para o conhecimento desse universo cultural, guardado no seio da religiosidade popular.

¹ Elizabeth Firmino Pereira (1966, Uberlândia-MG). Doutoranda em Artes Cênicas na Universidad Rey Juan Carlos, Fuenlabrada, Madrid. Estudo os rituais afro-brasileiros, especialmente o Candomblé, desde 1988; com ênfase nos rituais públicos: danças dos Orixás, cantos e toda a tradição oral. É atriz e professora de teatro e de dança de Orixás.

Esse Workshop pretende contribuir para a maior compreensão da cultura brasileira, através do estudo de uma de suas matrizes mais importantes, a raiz africana que se desenvolveu com tanto florescimento no Brasil.

Compreendendo a cultura como algo vivo, se propõe, além da discussão teórica, a experimentação e a vivência proporcionadas pela demonstração da Dança do Orixá feminino Oyá ou Iansã e, pela prática da Dança dos Orixás.

3- Objetivos gerais e específicos

O objetivo geral consiste em conhecer melhor os aspectos históricos, sociológicos, culturais e estéticos da matriz africana no Brasil, através do estudo das religiões afro-brasileiras, Candomblé e Umbanda.

Como objetivo específico se propõe também o conhecimento dos aspectos vivos da cultura, através de seus elementos estéticos, vivenciados pela apreciação e pela experimentação da Dança dos Orixás.

4- Cronograma

O Workshop será dividido em duas etapas, uma teórica e uma prática, em dois dias consecutivos, com 3 (três) horas de duração cada dia.

1º dia: Exposição teórica sobre o Candomblé e a Umbanda, abordando os sistemas religiosos e cosmológicos; a questão do sincretismo, os aspectos históricos, sociológicos, culturais e estéticos dessas duas religiões de matriz africana de formação afro-brasileira, compreendendo seu desenvolvimento atual no Brasil e no mundo.

Com relação aos elementos estéticos, serão tratados o conteúdo simbólico e mitológico das vestimentas e dos acessórios de representação dos Orixás, a linguagem cromática (no Candomblé e na Umbanda), os materiais utilizados e suas correspondências com os Orixás, a linguagem e as diferenças rítmicas entre cada Orixá (que será aprofundada no dia posterior).

Além dos textos e da explanação, serão apresentados elementos sonoros e imagens das duas religiões, fotos e, também, um fragmento de vídeo de uma Festa de Candomblé.

Haverá, também, a exposição de uma vestimenta tradicional do Orixá Oyá ou Iansã.

Ao final será aberto para pergunta e comentários dos alunos.

2º dia: Terá um caráter mais prático e estará dividido em dois momentos: a **primeira etapa** será uma demonstração da dança do Orixá Oyá, utilizando a vestimenta tradicional. Depois, será aberto para perguntas e comentários dos alunos.

A **segunda etapa** será um workshop de dança de Orixás, que serão ensinadas aos alunos. Tem um caráter aberto e não necessita que se tenha experiência prévia em dança, pois a prioridade é a vivência pessoal com o ritmo e os movimentos.

5- Metodologia

Na 1º dia, será a fase teórica. Utilizaremos um aparelho de projeção e o programa Power Point para as apresentações e o desenvolvimento do tema. A seguir será exibido um fragmento de vídeo de uma Festa de Candomblé, em DVD.

Além disso, estará exposto um manequim, vestido com a roupa e os acessórios do Orixá Oyá / Iansã; sendo abordados os elementos simbólicos e mitológicos da vestimenta. Assim como, a linguagem das cores e os materiais que foram utilizados, em reação com a simbologia do Orixá.

Depois, será aberto para perguntas e comentários dos alunos.

No 2º dia, será a fase prática. Começa com uma demonstração da Dança de Oyá, que será realizada por Elizabeth Firmino, utilizando a roupa tradicional dos Orixá e os acessórios. A dança durará de 10 a 15 minutos. Será utilizado um CD.

Concluída a demonstração, será aberto para perguntas e comentários dos alunos.

À continuação, o Workshop de Dança se iniciará, e serão ensinadas as danças de alguns Orixás, sendo apresentadas as variações rítmicas, que mudam de um Orixá para outro.

À conclusão, será aberto para perguntas, comentários e a avaliação dos participantes do Workshop.

6- Materiais e instalações

Os materiais necessários, para o primeiro e para o segundo dia são:

- Computador, com leitor de CD, para apresentação em Power Point;
- Projetor;
- Aparelho de DVD e projetor e tela, ou TV;
- Aparelho de áudio, com toca CD;
- Um manequim feminino (apenas para o primeiro dia);
- Uma sala ampla, para o Workshop de Dança.

7- Bibliografia para consulta prévia (todos os textos estão disponíveis em internet):

FIRMINO PEREIRA, Elizabeth. *El pagador de promesas, una visión polisémica Del clásico de Dias Gomes*. Revista Schicomythia, nº 6, pp. 79-95. Atención às páginas: 81 a 85 (2007). Artigo publicado em internet: <http://parnaseo.uv.es/Ars/ESTICOMITIA/Numero6/firmino.pdf>
 Texto 1, anexo.

_____. *Ritual e arte: elementos cênicos presentes nos cultos afro-brasileiros e sua relação com o teatro ocidental*. Artigo publicado em internet (2003): <http://ritualearte.blogspot.com> .

LAVIÑA, Javier. *Comunidades afroamericanas. Identidades de resistencia*. Fragmento de texto publicado em internet por el Centro de Estudios Afroamericanos de la Universidad de Barcelona.
 Site: <http://www.ub.edu/afroamerica/> . Texto 2, anexo.

ANEXOS:

TEXTO 1:

Fragmento de texto de Elizabeth Firmino Pereira, publicado na Revista Schicomythia, nº 6, da Universidad de Valencia, pp. 81-85. Título do artigo: *El pagador de promesas, una visión polisémica del clasico de Dias Gomes (2007).*

Nota explicativa sobre el Candomblé

El nombre Candomblé corresponde a las casas de culto a los Orixás en Brasil y significa tanto el espacio, como la religión. Es una denominación común para diversas formas de cultos que eran practicados en África y que fueron transportados a Brasil por los antiguos esclavos, que los organizaron de modo distinto, pues eran originalmente cultos locales separados entre sí, produciéndose en Brasil su unificación. El Candomblé brasileño está dividido en tres grandes *naciones*, como son llamadas sus diversas formas, de acuerdo con la etnia a la cual pertenecen.

Son ellas: *Nagô* y *Keto*, de origen yoruba (Nigeria); *Jêje* y *Mina*, de origen fon y ewe (Benin); *Angola*, de origen bantú (Angola y Congo); existe también la variación *Jêje-Nagô*, una fusión de las tradiciones de las etnias fon e yoruba. Las casas de Candomblé están afiliadas a una de las naciones y siguen sus tradiciones, desde la lengua ritual, que es una forma arcaica del idioma, hasta las formas litúrgicas: danzas, cánticos, rezos, ritmo y vestimentas.

El Candomblé es una religión monoteísta, que cree en un Dios supremo, cuyo nombre cambia de acuerdo con la nación. Los Orixás igualmente reciben nombres distintos de acuerdo con el origen étnico de sus seguidores, y corresponden a seres ancestrales divinizados o forman parte de los mitos de creación.

Genéricamente, pueden ser agrupados en:

Orixás, de la mitología yoruba (Nagôs y Ketos, originarios de Nigeria), tienen como dios supremo o creador a Olorun, Olodun o Olorumaré.

Vodun, de la mitología fon o ewe (Jêjes, originarios de Benin / Dahomé), tienen como dios supremo y creador a Mawu.

Inquices, de la mitología bantú (Angolas, originarios de Angola y Congo), tienen como dios supremo y creador a Zambi o Zambiapongo.

Los Orixás, Inquices y Voduns en general fueron sincretizados entre sí, pues aunque presenten características diferentes, son agrupados por semejanza y correspondencia; de

hecho, en Brasil son reverenciados igualmente en todas las naciones, aunque con otros nombres. Todavía, sus orígenes son los cultos locales y su mitología se encuentra difundida oralmente a través de cantos, evocaciones y rezos o, respectivamente, *Orín*, *Orikí* y *Adurás*, tomando los términos en yoruba –así como en Orixá– más difundidos.

Este fenómeno de sincretismo entre ellos ya ocurría en África, según Verger (1997); los pueblos fon o ewe, fueron dominados por los yorubas, más belicistas y hubo una mutua incorporación de cultos, con personas de origen fon que se iniciaban en Orixá y con la implantación de cultos originarios de tierras fon, como Obaluaye o Saponná, en tierras yorubas.

En Brasil, debido a las características del agrupamientos de los esclavos africanos (separados de sus grupos de origen y reagrupados con otros que no hablaban ni siquiera el mismo idioma, con el propósito de dificultar la comunicación y una posible organización entre ellos), hubo un contacto mayor entre los diferentes grupos; lo que seguramente contribuyó a una mayor mezcla entre las culturas.

Una vez en la colonia, todos recibían la formación católica, con el bautismo y demás sacramentos. La intención de los jesuitas era inculcar en ellos un alma pues era justamente esta ausencia de alma lo que justificaba la esclavitud de los negros. Cabe decir que este movimiento de cristianización ya existía en África y que no hubo ningún cambio en su condición de esclavos después de catequizados.

Por supuesto, la incorporación de la creencia católica, sobre todo como se manifestaba en Portugal y en la Península Ibérica, con elementos fantásticos y místicos, como aún es practicada hoy, sirvió de fermento para el imaginario africano, de modo que ocurrió un nuevo sincretismo, entre los santos católicos y los Orixás, como bien observa Silva (1994). Se entiende que la forma de ver el mundo de estas poblaciones africanas que llegaron a América, sobre todo en este tiempo, se encontraba impregnada de una religiosidad arquetípica, lo que permitía la identificación simbólica con otros elementos que presentan semejanzas y la pronta incorporación de nuevas costumbres.

Sobre Iansan

Iansan, también conocida como *Oyá*, es un Orixá del panteón yoruba que en Brasil tuvo continuidad en su culto dentro del Candomblé. Como los demás Orixás, tiene características humanizadas. Es mujer bella, reina, una de las tres esposas del rey Xangô, el Orixá de la justicia y de los truenos (así como Oxum y Obá); está asociada a los fenómenos de la naturaleza y de la vida cotidiana, como los demás Orixás. Es un

Orixá del fuego, de la pasión, del rayo, del viento y de las tormentas, así como, según la tradición, es ella la responsable, en la transición entre la vida y la muerte, de transportar en su viento las almas de este mundo al otro. En estas ocasiones la llaman *Oyá, el viento de la muerte*, por lo que está presente en los rituales fúnebres, o *Axéxé*.

Por esa razón, Oyá es el único Orixá femenino reverenciado en el culto a los ancestros, o Egungún, de quien es considerada madre. Está presente aun en los rituales fúnebres, con la función de encaminar el alma del difunto. Muy fuerte y poderosa, dicen que más fuerte que su marido Xangô, la saludan con EPAHEI! Lo que es una reverencia muy respetuosa.

Los colores asociados a Oyá son el rojo y sus derivados; los corales, el marrón o tierra; su metal es el cobre. Además, hay una calidad de Iansan que solo usa el blanco, se trata de *Oyá Igbalé*, que tiene poder sobre el reino de los muertos y el culto de los ancestros, *Egungún*. En la tradición oral yoruba se dice que las iniciadas de Oyá Igbalé cargan el mundo en la cabeza; es esta una referencia al *Orún*, mundo espiritual, sobrenatural; por otro lado, también denota la influencia de Oyá sobre el *Ori*⁴, o consciencia individual, de acuerdo con las tradiciones yorubas.

Este hecho está vinculado, según muchos estudiosos, al origen del nombre *IANSÁN* que sería una abreviación de *Iyá-Mèsán-Orún*. Madre de los Nueve Espacios del Orún (mundo), presente en una de sus *Orikís*, o evocaciones, según Santos (1986:122). Está aún relacionado al hecho de ser Oyá madre de nueve hijos, todos habitantes del Orún, o sea, ancestros. Es importante resaltar que Oyá es considerada la fundadora del culto a los Egungun y que es el único Orixá femenino venerado en lo que, en general, es un culto masculino, vetado a otros Orixás femeninos y a las mujeres por correspondencia. Sus sacerdotisas, entre tanto, son las mujeres que tienen esa primacía, pues, un Egungún no se presenta a una ceremonia, si no hay una Oyá presente, preferiblemente con una de sus iniciadas en estado de trance o en la figura de una de sus sacerdotisas de alto grado iniciático, lo que es medido por los años de iniciación y las obligaciones, o iniciaciones complementarias hechas, entre otros criterios.

Sobre Iansan/ Oyá, tomo la definición completa aportada por Gleason (1999)⁵:

Como reina de los muertos, a los cuales controla, responsable por el ritual de «asentamiento»⁶ dos ancestros masculinos en el tronco del árbol akoko. Como principio dinámico del movimiento representa en ese contexto el nexo de unión entre las generaciones pasadas y futuras.[...] Ligada como está a los vientos y hojas, el *Dios da medicina*⁷ es su amante.

Como esposa de Ogum, es una mujer-guerrera. Como esposa de Oxóssi, el cazador, ella es en parte animal, en parte mujer. Como esposa de Xangô, es posesiva y dedicada. Es el fuego que trae el poder. Bella, hasta vanidosa, despierta los celos de las otras mujeres, además prefiere vivir aislada fuera de la ciudad. Allá en el silencio y en secreto, todo lo observa y percibe. Como el río Oyá, es sensual y apasionada.

Sobre esta característica de Oyá, vinculada al plano de los ancestros y su dedicación al marido, presento fragmentos de un *Orikí* (evocación), compilado por Sálámí (1990:172-173). La presentación en yoruba sirve además de carácter ilustrativo, por tanto la grafía no presenta todos los caracteres yoruba, que lo diferencian fonéticamente, ya que se trata de un idioma tonal⁸.

En yoruba:

Egúngún lóde òrun

Oósà lòde aye...

[...]

Oyá, obìnrin ode, a to fì ogun juja toko re léyìn

Alagbara a siuaju ogun

Àki sopé kóya ó ya lonà,

Iyén ni ode òrun.

Orisà mi ò jé so wipé ki ò yà lónà...

En español⁹:

Egúngún Oyá, que está en el plano de los ancestros.

Orixá que está también en la vida de los hombres...

[...]

Oyá, mujer fuerte, cazadora, mujer guerrera,

Con fuerza suficiente para apoyar al marido en luchas en la guerra.

Fuerte mujer guerrera, líder en la guerra.

No se puede pedir a Oyá que salga del camino.

Aquellos que han dicho a Oyá que salga del camino

Sufrirán puniciones.

Orixá, jamás te pediré que salgas del camino...

La importancia del compromiso, vinculado al culto a los Orixás y sobre todo de Oyá, está presente en el *Orín* (cántico) de Oyá, también compilado por Sálámí (1990:178-180), que también permite observar el sentido de espectacularidad presente en los cultos a los Orixás, desde el origen africano.

El cántico se presenta a dos voces, de la sacerdotisa (Iyá Oyá) y del coro (Égbè).

En yoruba:

Iyá Oyá: E ma sé ojú ntó olóya kijá igbó.

Iwo lo mòrò to ba oloya so

Oko mi máà bá olóya lo.

Egbé: Iwo lo mòrò tó ba olóya so.

Iyá Oyá: Nílé omi-yadé

Egbé: E sa ma wá Orisà wa,

Iyá Oyá: Nílé omi-yade dé,

Egbé: E sá ma wo Òrisà wa.

Iyá Oyá: Nile Oya-wolé.

Egbé: E sá ma wo Òrisà wa.

Iyá Oyá: Yé pà Oya ò!

Yé pàripà Oya o!

Máà bá olóya lo o!

Máà ba olóya lo!

Máà bá olóya lo o!

Máà ba olóya lo!

Egbé: Iwo lo mòrò tó bá olóya so.

En español10:

Iyá Oyá: Miradas agresivas lanzados contra los iniciados
/de Oyá no les quitan el ánimo.

Usted es quien sabe lo que ha prometido
a los seguidores de Oyá.

Mi marido, yo voy con los seguidores de Oyá.

Egbé: Usted es quien sabe lo que ha hablado con los seguidores de Oyá.

Iyá Oyá: En la casa de Axé de Omi-yadé

Egbé: Vengan a *asistir*11 a nuestros Orixás,

Iyá Oyá: En la casa de Axé de Omi-yadé

Egbé: Vengan a asistir a nuestros Orixás,

Iyá Oyá: En la casa de Axé de Oyá-wolé.

Egbé: Vengan a asistir a nuestros Orixás.

Iyá Oyá: ¡Heepa Oyá!

¡Oh, Oyá!

¡Yo voy con los seguidores de Oyá!

¡Yo voy con los seguidores de Oyá!

¡Yo voy con los seguidores de Oyá!

¡Yo voy con los seguidores de Oyá!

Egbé: Usted es quien sabe lo que ha prometido a los seguidores de Oyá.

NOTAS:

4. Literalmente, Cabeza, en el sentido de la mente superior.

5. Esta es la cita de un texto, traducido del original al portugués, que figura en la contraportada de la edición citada; la traducción al español, así como las demás en circunstancias semejantes, es de la autora.

6. El ritual de *asentamiento* de un ancestro es cuando se crea la estructura material, compuesta de objeto de valor ritual y mágico, provenientes de los reinos animal, vegetal y mineral que serán posteriormente adorados, sirviendo de referencias para la comunicación entre los vivos y los muertos, a través de ofrendas, rezas y otros rituales. Semejante a la idea del *icono* para la Iglesia Católica, aluden al concepto de materialización de lo espiritual, *encarnación*. Los asentamientos también son parte importante en el culto a los Orixás, siendo que, cada uno tiene sus peculiaridades y utiliza elementos específicos.

7. Esta es una referencia al mito que relaciona Oyá, Orixá de los vientos y de las tormentas y Ossain, el Orixá de las plantas y de la medicina. Cuando aquella tuvo una aproximación con él y dispersó las hojas de las plantas, que antes eran de propiedad exclusiva de Ossain, distribuyéndolas a cada uno de los Orixás. Este mito se encuentra muy difundido en el culto, pues justifica la afinidad de cada Orixás con determinadas hojas, que son de uso fundamental en todos los rituales. Todavía, Ossain sigue deteniendo la fuerza vital de las plantas y es reverenciado como tal. Al igual que en la mitología greco-latina, las *aproximaciones* son muchas veces representadas por relatos amorosos.

8. Estos caracteres pueden ser observados en la referencia original, pero aquí el texto tiene apenas un propósito informativo

9. Este texto y el que sigue de Sálámí, fueron editados originalmente en yoruba/ portugués: traducción al español de la autora.

10. Traducción del portugués al español de la autora.

TEXTO 2:**Sistemas religiosos**

Texto cedido por Javier Laviña, prof. titular de la Universidad de Barcelona y coordinador de Estudios Afroamericanos. Publicado en BOLETIN AMERICANISTA N° 48, 1998, Año XXXVIII, como parte del artículo "Comunidades Afroamericanas. Identidad de resistencia".

Los africanos que llegaron a América iban provistos de un sistema de creencias (LEON, A. 1988) que tuvieron que readaptar a las nuevas circunstancias. En general, se puede afirmar que las religiones africanas eran de tipo animista y el problema se tuvo cuando los hombres y mujeres con un sistema religioso arraigado a un territorio fueron arrancados de él. A partir de ese momento la desestructuración tuvo que ser durísima. La llegada de las divinidades se produjo desde los primeros momentos de la presencia de este grupo de africanos en América y fueron renovándose a medida que el número de esclavos iba aumentando y que las embarcaciones negreras iban dejando sus cargazones en los puertos de destino.

El problema fundamental que tuvieron que resolver los sistemas religiosos africanos en América fue el de la territorialidad. Algunos sistemas, unidos a territorios concretos en África, al ser arrancados tuvieron que readaptarse frente a los grupos estructurados de su continente de origen (BASTIDE, R. 1989). En las condiciones de la esclavitud, las estructuras clánicas fueron sustituidas por las relaciones que se formaron en los barracones, que no necesariamente pasaban por el componente étnico.

El proceso deculturador no pudo acabar con los orishas llegados a América en las bodegas de los barcos negreros. En la esclavitud se reagruparon, se sintetizaron y se recrearon los sistemas de creencias (CABRERA, L. 1989.). Para los grupos religiosos más estructurados, en los que las divinidades dependían de grupos clánicos la presencia de los miembros de un mismo grupo parece que sirvió de base para reorganizar el panteón (LÓPEZ VALDÉS, L. R. 1985). Por otra parte, la religión católica, llena de santos, vírgenes y mediadores se adaptó y se reorganizó en el barracón. Las funciones que cubrían determinados santos fueron asimiladas a las que, de alguna manera, cubrían las divinidades africanas sin ningún problema. Se interpretó que la función correspondía a la esencia. De esta manera absolutamente permeable, dioses y santos fueron creciendo

hasta llegar a la aparición de un nuevo sistema que ni era el africano ni era catolicismo estricto, era una nueva forma religiosa peculiar, creativa cimarrona y libertadora.

Los orishas se ocultaron tras la apariencia de santos y vírgenes. Hablo de ocultamiento y no de enmascaramiento porque en Africa el individuo que se oculta tras la máscara adquiere las propiedades de quién representa y deja de ser él. Los dioses afroamericanos no dejaron de ser las fuerzas de la naturaleza, si bien adquirieron la apariencia de los santos católicos.

La característica fundamental de las religiones afroamericanas fue su capacidad de permeabilizarse, se adaptaron y fueron variando ritos en función de nuevos aportes tanto de la sociedad dominante como de los sectores dominados que se incorporaban a las plantaciones (CABRERA, L. 1958).

Las nuevas religiones surgidas de la esclavitud y recreadas según la realidad americana fueron desarrollándose a lo largo de todo el período colonial. Las religiones practicadas en los primeros años debieron tener algunas características propias, que posiblemente no perduraron a lo largo del tiempo, o bien fueron cambiando en función de los nuevos aportes de mano de obra o de las condiciones de la esclavitud. Es posible que cada plantación tuviera sus santos y su ritual afroamericano, producto de la fusión y yuxtaposición de las distintas creencias africanas (ECHANOVE, C, A. 1990). Parece fácil imaginar que el grupo que tuviera mayor número de individuos debería marcar las pautas de práctica religiosa, este podría ser el caso de la santería o el candomblé, de origen yoruba, sin embargo, la necesidad de integración de todos los individuos de las diferentes ciudades tuvo que llevar a la formación de las nuevas religiones afroamericanas.

Extraído do site: <http://www.ub.edu/afroamerica/>